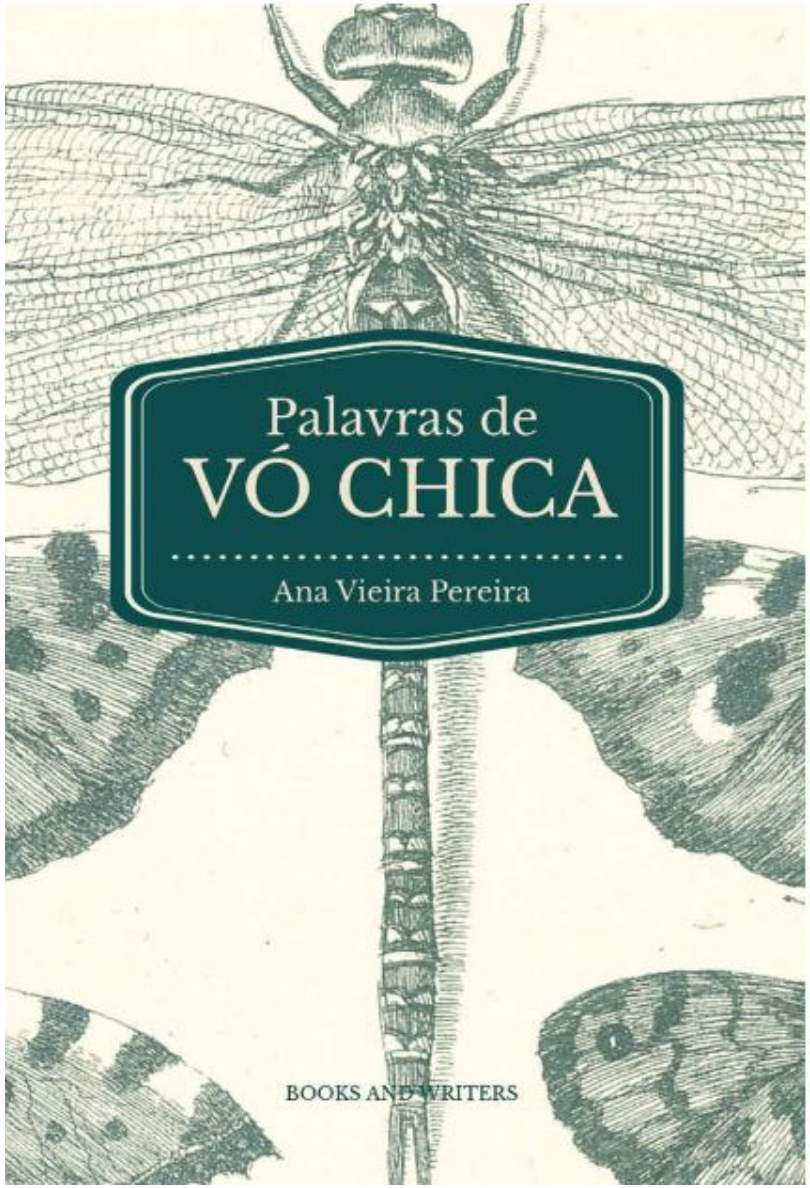


Palavras de Vó Chica

Ana Vieira Pereira

Este livro reúne uma pequena série de textos reflexivos, inspirados por um espírito de luz que se apresenta como Vó Chica. O nosso desejo é que as suas palavras possam servir de ânimo, consolo e alegria a quem as encontrar em seu caminho.

Ana Vieira Pereira



Forma e sentido



Palavras têm caprichos: pensa-se sobre elas, e elas ficam mudas, trocistas. Ocupamo-nos de outras coisas, distraídos como borboletas, e elas correm ao nosso encontro, querem contar-nos segredos. Não porque antes não quisessem: nós é que não as abordamos como elas necessitam. Leveza, abertura e sorriso: é disso que as palavras precisam para entrarem dentro de nós e comporem forma e sentido.

Tudo isso a troco do que, pensará você. Porque fiquei pensando um tempo na palavra espiritualidade. Pensei na sua morfologia, esse ser substantivo que se ergue do raso das coisas para afirmar-se existente. Pensei naquilo que dela dizem os dicionários: qualidade ou condição do que é espiritual. E parei de pensar, porque a nada me conduzia.

As palavras precisam da nossa existência mais humana. Daquelas qualidades que se encontram no lobo frontal, diz a neurociência. As que fizeram Jung dizer "Eu não preciso acreditar em Deus. Eu sei". As que por causa dos gregos nós chamamos de entusiasmo: *en-theos*, o Deus dentro. As que fazem Leonardo Boff escrever que "é o saber-se pertencente a algo maior". E as que reverbera Daniel Bohm, discípulo querido de Einstein, quando fala da existência de uma "ordem maior subjacente à ordem sensível". São aquelas qualidades em nós que nos humanizam (e que Antônio Cândido diz ser a arte), é aquilo que nos retira do limbo do mundo, do limbo de nós mesmos, e nos estende novos horizontes, possibilidades, visões, encontros. A tal da espiritualidade. Mias difícil pensá-la, mais tranquilo senti-la. Ou consenti-la.

Freud considerava a religião uma neurose coletiva, uma projeção do complexo pai/mãe num "Pai maior". Uma forma também de evitar psicoses: a neurose ilude, mas permite que se viva. Do ruim, o menos pior, ou algo assim. Os mistérios religiosos são por definição caminhos grupais delimitados por códigos de conduta restritos e precisos, conjuntos de rituais e crenças estabelecidos dentro de instituições e organizações. Igrejas, religiões: sobre a

espiritualidade não sei o que Freud pensava e arrisco errar, mas creio que foi Jung quem lhe dedicou tempo e pensamento, quem descortinou por trás da existência humana essa sobre-existência, essa transcendência a que chamou (erro de novo, talvez) espiritualidade. Coisa do espírito, dessa nossa parcela que é a que nos confere o estado de humano, e por isso dizia eu ali em cima que as palavras precisam do nosso mais humano: porque elas são puro exercício de espiritualidade, são o próprio espírito em ação. Quando deixamos, claro e óbvio como vidraça recém lavada.

Mas isso sou eu, que gosto delas e com elas me entendo. Para outros será a espiritualidade outra coisa, porque é momento e caminho muito pessoal, uma jornada que é um estado, e não um modo de vida. Esse fio condutor que une tudo a tudo reconhece-se assim que uma mudança interna e profunda acontece. O que a prepara, à nossa mudança, é o nosso movimento, o nosso exercício de relação e reconhecimento disso que é mais que nós mesmos e que somos nós ao mesmo tempo. O novo rumo, o novo sentido são os atributos visíveis da espiritualidade.

O que pressupõe o exercício da busca: espiritualidade é exercício. São passos que se dão, com um norte intuído, que a alma percebe e persegue. Às vezes, o norte não leva a canto algum. E perde-se tempo. Ou não. Porque cada caminho é caminho e cada ser é ser. E por isso é mais fácil consentir, e aproximar-se do outro pelas forças que vivem no outro lado do lobo frontal, e que ganha o nome de coração. A geografia humana não obedece aos olhos da razão.

Leio num site que atribui a Lucas, 10, 25-37 palavras que não saíram de sua pena. Mas fazem sentido: "Espiritualidade é tudo que é capaz de produzir em mim uma mudança de pensamento, atitudes e conceitos que me colocam num novo rumo e me oferecem um novo sentido para a vida". Por isso, e outra vez consentindo: como, pela graça de deus, poderia alguém dizer a um outro alguém que a sua escolha de caminho está errada? Que a sua vivência espiritual está equivocada? Que seu caminho a nada conduzirá? O exercício da dúvida, outro atributo da espiritualidade humana, freia-nos a língua, impede-nos de dizer o indizível, de julgar o injulgável. Nos caminhos do espírito, a liberdade precisa imperar serena.

E, assim como nos céus, na terra.

Chica e Chico



Dia desses, Francisca, que prefere ser chamada de vó Chica, encontrou-se com São Francisco nesses campos serenos que escolhem ser invisíveis aos nossos olhos de terra. Nessa manhã clara de céu azul, o santo da simplicidade descansava à sombra da figueira, pés mergulhados nas águas do riacho. Olhos fechados, não percebeu a chegada. Passos lentos, costas curvadas, vó Chica sentou-se à sua direita fazendo o nenhum barulho costumado. Enquanto esperava que Francisco acordasse, separava as ervas colhidas, dedos curvos de tanto conhecer. E Francisco acordou, finalmente, sem nem estranhar a presença a seu lado. É desse ponto em diante que ela me conta a conversa que tiveram.

"Perguntei-lhe, filha, o que ele esperava dos seres humanos, ao sugerir-lhes que amassem antes de serem amados, perdoassem antes de serem perdoados, consolassem antes de serem consolados. Se o que desejava era ver na Terra seres bons ou seres felizes.

Ele sorriu. E demorou pra responder. Você, filha, ficaria impaciente, mas eu já tenho tantos anos de existência que esperei o tempo dele chegar perto de nós. E ele então disse assim: 'Eu quero os seres humanos felizes, Chica. Porque só seres humanos felizes podem ser bons. E é mais fácil ser feliz se o tempo for ocupado em amar em vez de esperar ser amado, coisa que pode acontecer, mas pode também que não. Por isso, penso que é mais econômico e rápido ser feliz, e bom, amando, antes que ser amado.'

Sorri entredentes da resposta. E fiquei matutando. Ficamos os dois naquele silêncio celeste, a água correndo, a brisa soprando, a luz do sol alumiando. Até que chegou a vez dele me perguntar, porque é sempre assim que são os nossos encontros. Ele disse assim: 'Chica, nos seus conselhos, que lugar ocupa a desculpa?'. Francisco tem um jeito só seu de fazer perguntas, e eu com o tempo aprendi a encontrar as respostas que ele procura.

Mas sempre preciso ficar em silêncio, e aguardar o silêncio. Lembrei-me de você, filha, e enquanto respondia a ele, sabia que a resposta era sua. Disse-lhe mais ou menos assim: 'A culpa, quando existe, é de quem a cria. Não pode

essa pessoa encaminhar a sua culpa a ombros alheios. Quando se pede desculpa, sem oferecer reparação, pede-se que a outra pessoa livre o culposo de seu peso. Só que esse peso precisa de morada, e acaba assentando nos ombros do outro, sem este muitas vezes saber o que fazer disso. Às vezes, sem sequer saber que um peso se assentou em si.' E fiz o silêncio necessário para que Francisco fizesse sua outra pergunta.

'Chica', Francisco atentou para o silêncio e sabia não me interromper, 'então... não é possível que um ser desculpe outro?'

Eu sorri-lhe, porque a sua voz é doce e o seu coração é cristalino.

'O que lhe digo é que desculpas não podem ser pedidas. Se alguém deseja desculpar o outro de algo, não carece que a pessoa lhe peça. Ele desculpa - e a culpa que o outro tinha pelo seu ato fica sendo de sua responsabilidade, pela sua livre vontade. Vai carregá-la e, quando preciso ou tempo for, vai encaminhar, ou processar, ou absorver. Por caridade, assume a culpa de outrem, e seu coração se tranquiliza, e se purifica. Pode isso fazer, porque decide, e é sobre seus ombros que cada qual coloca os pesos que lhe competem.

Diferente é se as desculpas são pedidas - que alguém queira, e peça, que outro se ocupe da culpa que é só sua. A culpa é de quem a cria. Se é minha, é minha: não posso, nem devo, pedir a outro que ocupe meu lugar, e me des-culpe. Devo ir em busca daquilo que compense, se entender necessário; daquilo que refaça o que foi destruído, reintegre o que foi arrancado, compense o que foi magoado. Mas não são palavras que repõem a vida em seu lugar, mas atos. Posso restituir e recompor a ordem, com a justiça do Pai que a rege. Ou posso viver com a culpa que me pertence, sem atribular a vida de ninguém com ela.

Há aqueles, ainda, que limitam o pedido de desculpas àquilo com que podem lidar. Mas mesmo esses pensam em si apenas. É preciso, na vida, pensar no outro como se pensa em si mesmo. E para isso é preciso olhar para si mesmo com honestidade, e saber que aquilo que corresponde a um, corresponde a um apenas.

Depois, filha, me surpreendi. Porque o santo que amo se levantou, pegou nesta mão calejada que tenho, me fez levantar e me abraçou um tanto que não acabava mais. É esse abraço que lhe trago, porque ficou aqui, agarrado à barra da minha saia, e é para ser distribuído - e eu sei que minha filha isso fará da maneira que sabe fazer."


NASTURTIUMS.
GOLDEN CLIMBER
RUBY
COSMOS.
TOM THUMB
NEW BEGONIA
CRIMSON LEAVED.
NEW BEGONIA
GOLDEN GLEAM.

Recado de Vó Chica



Vó Chica chega-se para junto do meu travesseiro hoje cedo. Induz-me a dormir mais tempo do que deveria. Não discuto, está muito bem que assim seja. De sono ando falha.

Ao longo do dia, encontro recados seus pregados aqui e ali, ora nas curvas, ora nos remansos que a passagem das horas estende. Chica tem as suas maneiras só suas de enviar-me os seus recados, com um ar de desimportância imprescindível.

Como um dia, num bilhete preso a um arame farpado agarrado ao tronco de uma árvore, onde se lia com imensa simplicidade a palavra "árvore". Um lembrete de que a árvore é, pese a farpa, pese a dor, pese a ferida, o mesmo que era no momento do seu nascer, e será no momento do seu morrer. Árvore. E não arame farpado, e nem o rasgar-se que ele propõe, e nem o dilacerar-se que ele impõe. É preciso deixar que o aço sucumba diante da imensidão de uma copa em flor.

Ali, por exemplo, naquela escada, Chica deixa-me um "suba". Na esquina, um "olhe" e, no degrau da calçada, um "atravesse". Em tudo, o mesmo conselho: prudência. E junto a isso me ensina que prudência é filha encurtada da palavra providência.

Previdentia é ver (*videre*) antes (*pre*). Antes que a realidade aprisione. Antes que a espada transpasse. Antes que as correntes se apertem. Antes que as cordas sufoquem. É desse dom do ver-antes que Chica se serve para que eu possa encontrá-la onde menos espero e, nos últimos tempos, onde aprendi a procurá-la. Vó Chica abre-me os olhos da prudência. E em algum momento deixarei de acidentar-me em coisas simples. Falta-me, por enquanto, a ferramenta divina que encurta as distâncias e torna a vida mais tranquila. Mantenho-me ainda na longa palavra, assim como no longo tempo, esquecida de que já se foi o que tinha de ir-se. E assim de repente outra vez e cansativamente eis-me no mesmo ponto, para descobrir que não há nada além do nada que o habita. É triste, porque parecia pleno. É triste, porque parecia imenso. Mas não há, não há, diz-me ela num recado

acabado, olha bem e de frente, teu peito aberto: não há nada a não ser o que tu mesma plantaste, com a tua mão única aberta. Foste tu o só habitante do espaço sagrado que abriste. E me chama de filha outra vez, e me envolve em seus velhos olhos turvos de névoa.

Vou guardando cada um dos recados dentro das farpas que ainda me ferem. O tempo são lentos navios no horizonte. Os recados far-se-ão sangue em meu corpo, esta forma encarnada que lhe empresto ao dizer-lhe sou sua, venha e me tome.

Conversa



Os olhos de Vó Chica, quando fala mansamente, fecham-se para verem melhor. Acho que a claridade do dia cria nuvens nas suas retinas. Seu hálito parece desfazer-se em açúcar, e desta vez deixou antes de ir-se um cheiro forte de alfazema. Vó Chica responde as perguntas que lhe fazem como se o tempo nunca acabasse, como se vivesse num mundo em que tudo, até ela, é eterno e interminável. Num desses dias falava sobre o que se aprende nessa vida - e por que parece tanto, às vezes, que se demora a entender as coisas que parecem tão óbvias. Dizia ela assim:

"Nesta vida, filha, o que mais se aprende é aprender. A vida inteira é aprendizado, mas não é dentro dela que se aprende - é quando se está pra sair dela, quando o parto do lado de lá se avizinha. Aí, sim, é que se aprende. O caminho

da vida é só processo de saber aprender nessa hora. A vida é um lento preparo para o dia de chegar-se pro lado de lá. Quando a vida está de partida, e as malas na mão de quem parte, o filme na estação é o de todos os dias, enfileirados como árvores na beira da estrada. De vez em quando, a máquina desacelera, e há mais calma pra reparar nos detalhes, pra encher os olhos de águas, pra encharcar o coração de gratidão e um pouco de saudade. Outras horas, a velocidade é tanto, que só o que se vê é uma coisa aqui, e outra acolá. Essa vida que desfila - é nessa vida que se aprendeu, e agora, assistida, é que se aprende e se entende tudo o que aconteceu.

De pé, diante do nada, aprende-se que abismo é passagem. Que a vida tem qualquer coisa de fantasma: nada do que se pensa palpável existe para além do seu tempo. A luz que se abre depois, como uma fenda rasgada entre as nuvens, deixa escapar as águas desse nascimento ao revés. São as águas que descem do céu, e separam as membranas do que vive antes do que vive depois. Por enquanto, a vida ainda palpita; os caminhos podem ser percorridos; vão se juntando em cestarias as peças que são recolhidas. Mas o todo se contempla à distância, e de lá acenam os tons e as cores, as figuras se desenham sem fugir - isso, filha, só depois, e só se o traçado tiver sido pensado, medido, calculado, vivido e refeito quando preciso. Não há arrependimento quando se olha o todo que passa, na hora que a vida se escoa; é uma imagem que se compõe como cena, como o todo que foram todos os seus movimentos. E aí, sim, se aprende. E se festeja e se acertam as dores, as flores e os espantos.

Por isso não aceite, filha, enquanto do lado de cá, as coisas tal qual apareçam. Nem desastre, nem barbárie, nem falta alguma de humanidade que queira fazer morada em sua casa ou lance suas cordas sobre a terra. Desarmar é viver a verdade, é levantar toda vez de olhos novos, é ver o outro naquilo que carrega - mas não tinja, não orne, não omita. Se a barbárie está à solta no mundo - é porque o preparo pra aprender anda chamando. Sinta as dores do longínquo, e erga as mangas dos seus braços. Não se ausente, nem se cale, nem concorde: seja uma ponta de lança brilhando constelada com aqueles que querem verdade. É das luzes plantadas na terra que rebrota a claridade do mundo."



Conversa aos pés da cachoeira



Vó Chica veio sentar-se aos pés da cachoeira. O cansaço das costas curvadas faz com que se demore em todas as árvores, até chegar às pedras, e ela chega de mansinho, daquele jeito que gosta de usar para se aproximar, sem alarde nem barulho, só um "ehê" que indica já ter chegado. Também é devagar que se senta e, assim que se ajeita na pedra redonda, leva as mãos ao centro do peito, e sem palavras já se sabe que agradece a quem a ilumina. Mesmo quando não sorri, Vó Chica sorri. É uma lindeza de olhos profundos, como as águas desse rio que traz com as suas palavras.

Vó Chica aponta as águas claras da cachoeira, e mais acima o lugar de onde elas vêm, o caminho que faz o rio. Junta as minhas mãos às suas, e conduz o pensamento pelas águas calmas dos rios profundos. Quase sem palavras, mostra o caminho no centro do rio, e eu deslizo por cima do

leito líquido, deito-me ao comprido na água, e o reflexo que faz o rio no céu cativa as ondas do meu olhar. Vejo as margens apinhadas, as águas que se retardam nas curvas longas e sinuosas, as coisas que param, os detritos agarrados às raízes das árvores antigas. O centro do rio projeta-se para cima, e com ele meus olhos, e vejo: é no centro do rio o lugar do meu escoar. As pegadas dos meus pés são pequenos peixes aos pulos dentro d'água, e logo voltam a mergulhar: o caminho está dentro d'água e só quando se está no centro do meio do rio é que se sabe quais passos se hão de dar.

E Vó Chica diz que há um rio refletido nos olhos de quem olha o reflexo do rio no céu. E que as margens que contêm as águas são as margens que desaguam no mar. E que o centro do rio é a longa serpente que imprime movimento no céu, e que as margens, apinhadas e escuras, são levadas por todo esse caudal. "Permita", diz Vó Chica num sussurro, "esse seu caminhar. E que com ele tudo caminhe, e nada fique no mesmo lugar. Centre seus olhos na frente do céu, veja a luz refletida em seu olhar. E vá adiante, deslize, mergulhe - que aquilo que vive do lado de fora, reflita a luz que dentro se aloja, e que a luz que dentro reside, seja o brilho que refulge no céu".





Plantas daninhas

Tenho uma amiga querida, costas em curva já centenária, que gosta de remexer na terra com os dedos abertos. É ela quem me ensina e guia através desse roteiro de ervas e raízes e flores e folhas que assoma diante de mim a cada vez que me perco numa beira de caminho. É ela quem me orienta naquilo que devo cortar, molhar, podar, replantar, afofar ou simplesmente deter-me a observar. Tento seguir-lhe os passos e os ensinamentos, e ela tem comigo uma paciência de avó.

Vó Chica ri de mim hoje cedo, quando sem dizer nada olho de olhos esguelhados para as tiriricas do quintal. Já não bastava o picão de planta daninha?, penso. E pego na enxada com vontade. Enquanto capino sem dó as folhas finas das tiriricas, sabendo que não alcançarei o fio de batatinhas que lhes dão vida, ouço a voz de Chica dentro do meu pensamento.

Plantas daninhas são aquelas que invadem plantações, como coisas daninhas são coisas que invadem a vida das pessoas. São nocivas, mas ao mesmo tempo alertam: a sua presença é indicadora de carências, de lugares necessitados de cuidados e atenção. Ainda assim, prejudicam os lugares onde penetram. Da safra da soja à alma dos inocentes. Daninho é diminutivo de dano - e todo dano é perda. Vem a tiririca, perde-se o gramado.

Tiririca é planta que não desaparece. Cresce e multiplica-se com perseverança e persistência. Suporta como nenhum outro vegetal a mais alta temperatura. Seu nome científico, *Cyperus rotundus*, refere-se aos seus tubérculos redondos, que é de onde retiram a sua força de preservação. Agarram-se à possibilidade de vida, e arrastam-se sobre o solo à procura de mais e mais espaço: tiririca, nome popular,

deriva de *tiri'rika*, termo tupi que significa isso mesmo: arrastar-se. Como se nada além delas existisse no universo. Tente acabar com ela: ela acaba antes com você. A tiririca no quintal, penso entre uma e outra enxadada, faz-me ficar aqui suando enquanto bem podia estar preparando um canteiro de malvas acolá.

Pois que sorte a minha.

É da tiririca que preciso neste instante. Olho as batatinhas que consigo tirar da terra. E num click, ocorre-me seu outro nome. O que se ouve quando se fala em cura. Dandá-da-costa.

Largo a enxada e sorrio para Vó Chica, envolta nessa invisibilidade fosca que a acompanha e que se reveste de luz quando a vejo. Corro aos livros. Aos dicionários.

Os tubérculos do dandá-da-costa são considerados "ervas quentes" no trabalho energético com as plantas. Esgotam em profundidade as energias destruidoras que se alojam nos lugares mais estreitos e internos dos seres. Em banhos e defumações, têm o poder de diluir, coagular, esgotar e purificar. O autores que consulto, como o estudioso Adriano Camargo, referem-se a ela como a um verdadeiro ácido desagregador, desmontador e decompositor de energias e magias negativas. Tanto faz as que são feitas por outros ou por você mesmo: ninguém tem mais capacidade de atingi-lo com padrões negativos de vibração quanto você mesmo.

Volto à enxada, e aos canteiros. É claro que preciso capinar toda a tiririca, para que as outras ervas que demandam espaço possam crescer em tranquilidade. Mas agora capino-a com gratidão, certa de que seu poder está guardado nas inúmeras ramificações que se estendem debaixo do meu solo. Olho em volta e Chica já se foi. E eu também me vou, que já são horas de dormir em sossego.





Sage

Vó Chica avisou, dias atrás, que para cada erva são precisos dias. "Não é assim, filha, de uma hora pra outra: é preciso intimidade, e intimidade leva tempo, leva amor, leva fechar os olhos no meio do dia e sentir o outro como se fosse si próprio. E pra isso, pra sentir o outro como se fosse si próprio, é preciso mais tempo ainda, e treino, e capacidade. Não é de uma hora pra outra, mas pode ser de um instante pro outro. Depende das forças do seu coração. E pra elas também é preciso tempo, um tanto de dedicação, e perceber que aquilo que o outro é em você, é muito mais e maior do que tu mesma sozinha. Entende, filha?".

Eu passo muito tempo com as palavras de Vó Chica

junto ao ouvido. Ficam guardadas lá dentro e durante o dia e a noite vão se fazendo ouvir, como se fossem pequenos sinos que o mexer da minha cabeça fizesse balançar. As ervas aparecem no meio das suas palavras, e já há uma lista delas. Por isso me diz ela que são precisos dias - para que não me aflija, porque dias há muitos, são um adiante e outro atrás, e para todas haverá seu tempo. É só permitir que cheguem. E ouvir.

Hoje, obediente, fui para o quintal ouvir a sálvia. Sento-me a seu lado, peço-lhe licença para entrar em seus domínios, agradeço-lhe o crescimento súbito dos últimos três dias, e chamo Vó Chica para que fique por perto, para que eu não perca uma dessas palavras que as ervas sopram para se apresentarem.

Não é preciso muito, com a sálvia. Mal lhe encostamos e ela se oferece, em cheiro, em textura bordada, em cor prateada. Sálvia é erva consagrada a Obaluaiê, o Orixá que transforma as profundezas e as superfícies, e que cura as feridas de todos os tamanhos. A sálvia, como pai Obaluaiê, apazigua as almas, eleva os pensamentos e reconstitui com delicadeza aqueles que se enfraquecem. Em suas raízes crescem as forças de sedimentação de Nanã Boruquê e a sua essência, que tão bem se percebe (nem é preciso óleo essencial, a infusão das folhas já se revela), traz a serena força da fé de Oxalá entranhada. Tudo o que fomos, e todos com quem fomos, estão junto de nós quando estamos junto da sálvia.

Meu avô António, dentes perfeitos até seu último dia entre nós, usava folhas de sálvia em vez de escova e pasta. Antes de sair para o porto de madrugada, em busca do peixe mais fresco para o almoço dos clientes, colhia uma folha de sálvia do vaso ao cima da escada de pedra. Este meu avô não era homem de arrancar. Era homem de colher, um colher bondoso de sorriso desperto. Ouço seus passos no empedrado da rua, passa pela lateral da igreja e perde-se por entre a bruma da ilha. A cor da sálvia é a cor da alma do meu avô.

Os homens da Idade Média, em outra ilha, cultuavam o poder da sálvia, e chamavam-lhe *sage*. Na velha Inglaterra cantava-se a sálvia em baladas melódicas, e eu cantarolo para estes pés de sálvia ao meu lado o refrão que as acolhe, e que eu que fui antes guardou na memória.

Are you going to Scarborough Fair?
Parsley, sage, rosemary and thyme.
Remember me to one who lives there,

she once was a true love of mine.

Sálvia para o amor que nasce da sabedoria profunda, salsa para o amor com o qual se honram os outros, alecrim para o amor salvo na memória, tomilho para o amor feito coragem: as ervas falavam naquele tempo como as flores nos falam hoje. Quando se oferecem ervas, seja em vasos, seja em palavras, não são ervas que se oferecem: são evocação, magnetismo, transformação e cura. Depende de quem recebe saber o que fazer com elas. Vó Chica sorri atrás de mim: "você começa a entender, filha". E eu sorrio de seu sorriso, e o nome que se dá a isso é intimidade. A sálvia balança na brisa da manhã.

Sálvia deriva do latim *salvus*: aquele que é salvo, aquele que é saudável, aquele do qual o mal e a doença se afastam. S*age,* no inglês, tem a mesma raiz que a palavra *safe*: nos domínios da sálvia, estamos a salvo. Precisando de salvação, a sálvia estende-nos a mão. Por isso é bom estarmos rodeados dela: quando seca, incendeia-se com facilidade. Defumar com sálvia prescinde de carvão, basta a própria erva. Algumas folhas em infusão em água fervente liberam seus aromas e preparam banhos que sossegam, que transformam, que equilibram, que elevam as vibrações e ajudam a sair de limbos astrais. A ingestão do chá faz bem à garganta, à gengiva, e àquilo que ao entrar e ao sair por elas, nos constitui. A sálvia faz bem às palavras que falamos, e faz bem ao que fica de tudo aquilo que atravessa a nossa boca. Na cozinha, tudo se tempera com sálvia: dos queijos mediterrânicos às aves bretãs, das salsichas germânicas aos borregos do Médio Oriente.

Aqui em casa, não consigo usar a sálvia nas panelas. Olho-a com tanto encantamento que resisto a transformá-la em tempero. Talvez precise de tempo. Ou talvez seu lugar seja outro.

Picão



Nos dias de janeiro em que a cidade da Bahia se dedica às suas lavagens e limpezas tradicionais, iniciadas com a lavagem das escadarias da igreja de Nosso Senhor do Bonfim, é bom dedicar-se à mesma coisa. E, como que em sintonia, algumas pessoas ao meu redor de vez em quando escolhem esse primeiro mês do ano para dedicar-se a limpar e lavar suas casas e suas almas neste sábado.

Telefonaram-me certa vez logo cedo, querendo saber de boas ervas, simples de achar, para limpeza.

Lembrei-me, aleatoriamente, do picão preto que carpi ontem no quintal. Foi tanto picão, mas tanto, que fiquei pensando sobre ele. A amiga ao telefone ri-se, diz que o quintal dela também está tomado por ele. E aí rio-me eu, lembrando dos antigos que partiam do princípio básico de que aquilo que nos rodeia é aquilo de que necessitamos. Vamos ao picão, digo-lhe - daqui a pouco te ligo.

O picão (*Bidens pilosa*) invade quintais e plantações com persistência, através das suas sementes pontiagudas. Como muitas outras plantas de quintal, serve para um milhão de coisas, de vermes a dor de garganta. Mas toda essa capacidade de sobrevivência, da forma tenaz que a sua semente pontiaguda transmite, revela algumas coisas. O picão é uma erva das chamadas quentes, ou agressivas (dizem que são ervas que combatem larvas e miasmas astrais com grande eficiência); promove limpezas, mas de uma forma mais leve e agradável que as suas parceiras arruda, guiné ou quebra-demanda. Por isso, pode ser usada diariamente, e por isso vai ser bem útil a essa minha amiga, que capta com uma intensidade muito particular as vibrações negativas de quem se aproxima dela.

Tudo aquilo que precisa de limpeza, desobstrução e purificação encontra no picão um caminho. A infusão das suas folhas é boa de usar para lavar feridas. Em gargarejos, na forma de decocção, ajuda amigdalites. É também um desobstrutor do fígado, o que reafirma o seu caráter de limpeza astral, e por isso processos como hepatite e icterícia beneficiam-se com a ingestão do seu chá. E isso é apenas um começo das dezenas de indicações de uso. O picão preto tem sido atentamente estudado, e muitas das suas indicações tradicionais têm sido validadas pelo meio científico.

As raízes e as folhas tenras são comestíveis, e em tempos de extrema escassez é usada como alimento em algumas regiões da África, como a República Democrática do Congo. Na China, ganha o nome Xian Feng Cao e é uma planta medicinal. Desaconselhada a grávidas e a alérgicos a cafeína, tem leve efeito hipotensor, sendo preciso cuidado

quando administrada a pacientes hipertensos.

Telefono de volta. Sem nem mesmo me esperar, minha amiga já colheu o picão, e sabiamente decidiu macerá-lo, inteiro, e esperar até o fim da tarde para tomar o seu banho. Ela já sabe que banhos desse tipo pedem alguns cuidados - como certa sonolência e uma queda inicial da energia vital são esperados depois de um banho de limpeza, é bom ficar por casa, descansar, deixar que a energia das ervas aja sobre nós. Para banhos, como para o resto da vida, observar o tempo é sempre um bom caminho.



Peça-de-guiné



Vó Chica, muito antigamente, passava longas horas junto a seus canteiros de ervas. Hoje, ensina-me a conversar com as plantas como ela mesma fazia; coloca-me algumas nas mãos, diz-me o que fazer com elas, sussurra-me caminhos por onde eu possa compreender melhor o que trazem consigo e para onde podem nos levar. Desta vez, fui cuidar dos pés de guiné do quintal. Crescem viçosos, os que estão ao sol parecendo mais felizes do que aqueles que plantei a meia-sombra. Vó Chica sorri com seus olhos pequenos e chama-me para que me sente a seu lado. Os seus dedos amassam de leve as folhas, e o cheiro que

desprendem, e que tanto me agrada ainda que acre, diminui a minha dor de cabeça. Primeira descoberta do dia.

Pés de guiné não precisam de grandes cuidados, porque a guiné é uma planta rústica, amazônica, nasce quase sem querer. Forma arbustos de até dois metros de altura, desenvolve-se nos espaços que sobram, mas alteia-se elegante e desponta com uma energia muito característica. Recebe o nome científico de *Petiveria alliacea*, na homenagem costumada aos que catalogam o mundo vegetal, mas o povo que a usa e reconhece sem titubear chama-a de erva-pipi, de amansa-senhor, de guiné. Há muita história por trás de tudo isso, ouço e penso.

E lá fui, atrás dos livros de ervas na estante; depois, mudei-me para a prateleira onde descansam os africanos. Embora a Guiné seja nativa das Américas, chegou ao continente africano pelas mãos dos escravos libertos que para lá voltaram. E, se a incluíram na bagagem, algum motivo sério teriam.

Essas duas denominações populares, "guiné" e "amansa-senhor", referem-se a condições ligadas aos séculos de escravidão, e é isso que vou descobrindo, guiada por Vó Chica. No início da colonização, a denominação "negro" referia-se ao povo indígena. Quando o tráfico chegou às costas brasileiras, quem vinha a bordo, feito escravo, recebeu o nome de "peça-de-guiné", porque se associava tudo o que vinha da África como vindo da Guiné. Em 1549, o Padre Manoel da Nóbrega refere-se ao "gentio da terra" e ao "gentio da guiné", separando indígenas de negros africanos.

(O reino das palavras é um rio sem fim de águas revoltas. É difícil, depois de mergulhar, sair dele e querer voltar para a terra seca. Ora veja você: a palavra "guiné" descende da bérbere *aguinaoui*, que significa negro, preto. Os povos que falam as línguas berberes, e que vivem no chamado Magrebe, o norte da África, usam a palavra i*mazighen* para se definirem. *Imazighen* significa homens livres. Guiné, *aguinaoui, imazighen*: parece um mantra para trazer à tona a altivez dos povos do deserto. *Imazighen* é quase uma imaginação daquilo que devemos ser: livres. Mas volto à guiné, para não perder o fio da meada.)

Temos então esse "gentio da guiné", chegando aos milhões, nas condições deploráveis que sequer se conseguem imaginar, morrendo aos milhares pelo caminho, ao longo de cinco imensos séculos. Para facilitar a própria vida, o sistema escravocrata designou diferentes grupos étnicos pelos nomes que lhe apeteceu. Assim, foram chamados de "nagôs" todos os capturados que falavam iorubá. Oiós, Ketus, Egbabos e

outras nações perderam a sua própria denominação secular e passaram a ser nagôs. O que chamamos de "Angolas", "Congos", "Jejes", "Fulas" têm a mesma origem, pela mão sinistra do tráfico.

Nagô é uma palavra iorubá que designava aqueles que, ao fugir dos conflitos interétnicos africanos dos séculos XVI e XVII, chegavam em estado lastimável às fronteiras do reino de Daomé, mais ou menos o atual Benim. Chegavam os nagôs: gente faminta, esfarrapada e cheia de piolhos. Um nagô é um esfarrapado coberto de piolhos, um sujeito em fuga, e foi assim que os escravistas nomearam nações de imenso prestígio em seu próprio continente. Os detalhes ínfimos das grandes tragédias às vezes superam tudo.

Os assim chamados nagôs constituíram o maior grupo de escravos na Bahia, sobretudo nas últimas décadas do tráfico, fase em que as estruturas familiares de quem chegava sofriam menos desagregação. Formaram uma espécie de elite junto aos demais grupos negros minoritários (como os malês, negros muçulmanos) e abriram as portas dos primeiros candomblés.

Esses escravos, negros cativos, adquiridos, marcados e batizados, trabalhando nas condições desumanas que se sabem, lançaram mão daquilo que estava em seu pequeno espaço de poder como defesa. As ervas, e o seu conhecimento, fazem parte desse sistema de defesa, que compreende tanto as características fitoterápicas quanto as mágicas. A guiné é uma planta tóxica. Nos rituais de magia, é um poderoso veículo de limpeza e regeneração, afastando e eliminando energias e presenças de baixa vibração. Enquanto erva medicinal, tem ação analgésica e anti-inflamatória, e é auxiliar indicado para reumatismo e artrite; na Jamaica é usada em infusão em rum para dores de cabeça. Amarrar suas folhas na cabeça, naquele país, propicia alívio a enxaquecas. Mas a sua ingestão provoca sérios problemas.

A sua toxicidade, quando administrada em pequenas mas constantes doses via oral (sobretudo o pó de suas raízes), provoca a princípio insônia e grande agitação; com o tempo, desenvolve-se apatia, indiferença e imbecilidade. Pode matar. Santos Filho, autor da "História da Medicina no Brasil", faz referência ao seu uso pela comunidade negra escrava, com a intenção de levar seus senhores à imbecilidade e ao torpor, "amansando-os", o que garantiria, a escravas e escravos, alguma proteção contra as conhecidas investidas violentas. A erva de guiné, usada pelo gentio da guiné, amansava aqueles que eram seus algozes. É esse o seu poder, o de reduzir à inação aqueles que nos provocam as dores mais intoleráveis,

as dores que nos atacam no centro do pensamento, as dores que nos atacam na capacidade de movimento.

Entender o outro passa por compreender as razões por trás dos feitos. Passa por compreender, interna e profundamente, que cada um lança mão daquilo que pode e sabe para se levantar todos os dias de manhã, sem saber se à noite poderá deitar-se na mesma cama. Contar com as forças da natureza significa conhecê-las, reconhecê-las e utilizá-las, deixando-se permear com a sabedoria inata que carregam, e que se amalgama a nós mesmos quando lhes pedimos auxílio.





Mirra de reis

Às vezes a Noite de Reis, símbolo máximo dos amigos astrólogos, vem acompanhada de uma lua cheia imensa, e às vezes encoberta por nuvens, que descarregam água e mais água durante horas. Chega a água para lavar calçadas, ruas e almas. A lua cheia para garantir que a vida é feita de ciclos. E os três Magos para sabermos que existem mais realidades além daquelas que nossos sentidos terrenos percebem, e que é preciso esforço e persistência para encontrá-las. Esta é a noite da Epifania - a noite da manifestação do Divino. Na Igreja Oriental, celebra-se este dia como se celebra entre nós o Natal, porque é este o dia em que se reconhece a chegada do salvador. E esta pode bem ser a noite em que reconheçamos em nós a nossa própria salvação.

Chegam carregados de presentes, estes Magos. E, entre eles, uma resina especial - a mirra. É sobre ela que me detenho hoje, em homenagem a esses sábios do oriente que reconheceram no céu a vida nova, a esperança, a salvação.

Mirra (*commiphora myrrah*) deriva do aramaico ܡܘܪ (murr) e do árabe مر (mur). Ambas significam amargo, e é a esse tipo de plantas que a mirra pertence: às ervas amargas, que reciclam o fígado e permitem que o nosso campo das emoções se refaça, se serene, se recupere e se coloque a serviço daquilo que vale a pena.

A mirra é uma árvore cheia de espinhos, de até cinco metros de altura. Cresce em algumas partes do nordeste africano, na Índia e no Oriente Médio. É a sua resina amarelo-avermelhada que se queima em igrejas, giras de umbanda e outras religiões que usam os rituais de defumação como parte da sua liturgia. A queima da mirra eleva a espiritualidade, acalma e reconforta aqueles que se debatem em meio a inseguranças e medos e predispõe os corações ao contato com o invisível.

Entre nós, encontramos com facilidade a falsa mirra

(*tetradenia riparia*), um arbusto também vindo da África, mas do Sul. Lá, entre os zulus, é chamada de *iboza*: aquela que cobre, numa provável referência à velocidade de seu crescimento.

Esta mirra, da qual não se extrai resina mas se usam as folhas e caules, alivia as dores de garganta, de estômago e alguns dos sintomas da malária. O seu cheiro é muito característico, e as suas folhas desprendem uma substância pegajosa: diz-se que apertar as folhas para cheirá-las diminui as dores de cabeça.

Também chamada de pau-de-incenso, tem a propriedade de transmutar a negatividade e preencher de luz os buracos da alma. O sistema de florais Filhas de Gaia toma-a como uma UTI da negatividade e a sua florada, uma súbita nuvem branca perfumada em meio ao frio do inverno, mostra essa capacidade.

Para as Noites de Reis, e para toda a Epifania, e todas as epifanias da nossa vida, é bom usar a mirra, tanto uma quanto a outra. A sua queima, o seu banho, o seu chá prepara-nos, estabiliza-nos e harmoniza-nos. Na sua vibração, preparamo-nos para desmontar presépios e árvores de Natal, sabendo que o que precisava chegar está chegado. Encerra-se o ciclo das doze noites santas. Entramos no novo ano de trabalho, despertos e preparados para os desafios que vêm pela frente.

Dandelion



Gosto de escolher uma erva e experimentar cultivá-la. Fazer mudas, observá-la crescer, florescer, sentar-me a seu lado numa conversa silenciosa que a cada dia me ensina mais. Plantas escutam bem. E, conseguindo ficar quase imóvel, chegam a ouvir-se respostas. Gosto daquilo que nelas é medicinal, e gosto mais ainda do que nelas é energia vibrante invisível.

Pensei primeiro seguir uma ordem qualquer, alfabética, talvez. Não deu certo. Depois, a ordem daquilo que encontrasse na chácara do Giovanni, grande botânico que virou amigo. Durante um tempo, deu certo, e o entusiasmo do Giovanni em encontrar alguém à procura de gervão ou cipó mil-homens fez com que nos sentíssemos amigos de infância em três visitas. Nos últimos tempos, encanto-me com aquilo que nasce espontâneo no quintal novo de casa.

Dediquei-me ao dente-de-leão. Dizem alguns que essa referência ao leão viria por um lado da semelhança entre a flor amarela e a juba do leão e por outro às suas folhas dentadas. Não sei bem, até porque gosto mais da fase esvoaçante da flor.

É uma boa planta para dar início a novos anos - força e coragem são as suas indicações energéticas, e tê-la por perto em momentos que já saibamos precisar delas faz com que nosso campo vibracional absorva essas qualidades divinas. Junto à coragem e à força, a planta vibra também esperança, e eu desconfio que essa vibração fique no seu máximo na florada. Soprada ou atingida pelo vento, espalha-se em todas as direções. Onde aterrissa, brota e cresce em nova vida, primeiro amarela e forte e vibrante, depois diáfana, leve e esvoaçante como um sonho. Coragem, força e esperança: levo uma muda para dentro de casa, e olho-a ao dormir e ao acordar.

O dente-de-leão é conhecido também como amargosa ou amor-de-homem. Em inglês diz-se *dandelion*, palavra suculenta com gosto de Idade Média. As folhas combinam bem com saladas, são levemente amargas, e por isso benéficas ao fígado. As raízes secas e moídas resultam num simulacro de café, e tanto este quanto o chá das folhas têm efeito diurético. Os botões das flores, cozidos, parecem-se com alcaparras.

Meu quintal está cheio das suas flores nesse estado de quase-pluma. O amarelo deu lugar a essa penugem que sopro, à espera de que o vento me traga de volta essa leveza que o ar em mim carrega. É a esperança, é aquilo que não se quer que morra, e que se oferece junto com a energia que nos conecta com o cosmos. O dente-de-leão entrega-se e espalha-se à minha volta, um fio de esperança tênue que salva o meu dia, e desanuvia em mim a bruma pesada do alvorecer. Corro os olhos pelas pétalas que parecem flutuar no vazio, e elas me devolvem a carícia leve de que a minha alma precisa. Não é tudo, mas já é um pouco. E nesse pouco ganho esperança, ganho força, ganho coragem - para este dia e para os que o seguem.





Intocáveis



Vó Chica está hoje séria, e me indica com um gesto simples de mão que apenas escute. Abro-me em expectativa pelas suas palavras.

"Algumas pessoas, filha, são intocáveis.

Por essa porta que você abre, a única coisa que entra é vento. Não se engane muito tempo, pensando aproximar-se. Essa impressão de que diminui a distância entre duas coisas, é apenas ilusão, quebrada e mantida a intervalos regulares. Não há caminho, e nem distância a percorrer. As pessoas intocáveis são estáticas.

Talvez essas pessoas, filha, não tenham onde ser tocadas. Talvez tenham se eclipsado tanto para dentro de si mesmas, de seus castelos, fortalezas, ou o nome que queiram dar a esse lugar onde se escondem, que tenham perdido a capacidade para perceber a existência de uma mão que se

aproxime aberta. No fundo, filha, essas pessoas riem-se da confusão que criam à sua volta; sentam-se na beira do caminho divertidas com os solavancos que provocam em quem decide se aventurar pelas suas estradas. Há um nome para isso, filha, mas escrevê-lo seria entrar em seus domínios, e nem você nem eu merecemos.

Pense, filha, que talvez essas pessoas queiram do outro apenas o que possam aproveitar. Dirão que se deleitam e se refazem das agruras da vida, mas como não têm órgãos que percebam os outros, e estão tão certos das certezas que seus sentidos entregam, não perceberão o que acontece com o outro de quem aproveitam. Para se manter intocável, é fundamental ser-se sozinho e alimentar-se de momentos. Você poderá até dizer-lhes o que sente, que necessidade seu coração percebe, mas de nada adiantará, porque entre esses órgãos que lhes faltam está o da audição. Parecerão ouvir, e pedirão tempo, dirão "compreenda", e tudo isso é areia jogada nos seus olhos. Meias verdades são dolorosas mentiras.

Essas pessoas, filha, concebem-se fora da possibilidade de erro, e mesmo quando o detectam saberão encontrar motivos que o atenuam, ao ponto de se convencerem de que tudo conspirou para seu erro, e por isso, ora bem, é irrelevante a sua participação. Não repensam, nem elaboram o vivido, o pensado, o ouvido. As coisas, e as pessoas, passam por elas como brisa, e quase nada de si compartilham. As pessoas intocáveis querem bastar-se, e em algum momento você será um estorvo.

E para que, filha? Para descobrir que o buraco da humanidade é mais fundo e escuro do que você imaginava? As pessoas intocáveis não precisam de ninguém. Precisam da energia que roubam, acreditando que a trocam, que alimentam o outro, que são recíprocas. Como podem, se não veem além do seu reflexo? Como podem, se não sentem a não ser a si próprias?

As pessoas intocáveis, filha, acoitam-se na sua felicidade, e assim que o chão cede, e você claudica, assim que o dia amanhece ensombrecido, e seu coração treme, elas estarão entre as primeiras na linha do horizonte. Porque elas querem a sua força, e não a sua necessidade. Elas querem a sua potência, e não a sua fragilidade.

Por isso, filha, não vale a pena. Não valem os seus esforços, porque são água rumo ao ralo. Não valem as suas lágrimas, porque esses são terrenos inférteis. E as suas orações, filha, mantenha-as. Mas a salvo.

Porque, como se tornou hábito dizer, nada é o que

parece."



13 de maio

Hoje é dia de liberdade
nas velhas terras das senzalas.
Hoje é dia de festa das almas,
dia de nascer enfeitado.
Vó Chica abre este dia,
como abre as fendas da vida,
como abre a lágrima escura
e lhe insufla força e alegria.

Nas suas dores antigas
está escrito o que é preciso:
que o sofrer é pai e mãe
daquilo que se torna espírito.
O Mistério de suas mãos de ervas
plantou-se no quintal de minh'alma.
E tanto faz o dia que venha,
tanto faz as vestes que a plasmem:
chega em companhia de outras

almas longevas e eternas.
São meu consolo, alívio e sossego,
são a paz, a aceitação e a alegria.

Possa eu, minha velha tão velha,
ser seu regaço inteiro e aberto,
lugar de trabalho puro e singelo,
sem tempo, sem hora e sem medo.
Possa eu, minha velha tão velha,
em meu peito acolher seu recado,
transformá-lo em linhas de tinta
ou em letras que em sopro se escrevam
Possa eu, minha velha tão velha,
ouvir e seguir seus conselhos,
e que a lágrima que escorre dos olhos
se torne rio que vida alheia alimente.

Zé do Coco



Eu já conhecia a maioria de seus amigos, senão todos, mas a ele ainda não tinha tido o prazer. Vó Chica já havia me falado dele, com uma espécie de respeito que fez surgir dentro de mim uma das palavras que vinha caçando há semanas sem encontrá-la: veneração. Bom sinal, este de alguém que ainda não chegou já me presentear com as palavras que explicam. Especialmente essa, que deriva de nome de deusa e é a palavra do que falta; e assim que a pronuncio, que a faço vibrar dentro de mim, a falta acomoda-se, porque o som cria o mundo em que posso respirar.

E seu Zé do Coco chegou. Bem falante, aparenta a idade que tem (longa) e o conhecimento das coisas que a sua passagem lhe conferiu. As frases que pronuncia atravessam

tempo e espaço e algo lhes confere o poder que, um dia bem longínquo, toda frase feita teve. (Frases feitas tornam-se agremiações de palavras que repetimos pasteurizadamente, achando que de fato pensamos. Não pensamos: são palavras que se climatizaram, palavras pre-cozidas.) Acho que veneração chegou antes dele para que eu pudesse estar preparada. Posso nomear o que sinto conforme o ouço, e assim ouvi-lo melhor.

Conversamos um tempo comprido. Nessa troca atenta e presente, seu Zé deixou comigo o legado de uma série de palavras, e eu ocupo-me delas como há tempos não me ocupava de nenhumas. Pensar nas palavras é a minha forma de meditação. Os dias em que recorto uma delas e a coloco à minha frente, observando-a de todos os lados e formas que posso, ora distante, ora alcançando-a com os dedos do sentimento, são os dias mais felizes e concretos, os dias em que o céu azul ou a chuva ou o vento fazem sentido.

Disse-me seu Zé que promessas são precariedades.

Veja bem.

Promessas são precariedades.

Com o passar dos dias, e a repetição das palavras dentro de mim, vou avançando para dentro do que dizem. Separo-as umas das outras. Promessas. Precariedades.

Promessas fluem e pendem. Prometem-se. Recorro à etimologia, nesse movimento que me aproxima do nascer mais profundo das palavras. *Promissus*, a raiz de promessas, é uma derivação do verbo *promittere*. Palavra composta por duas: *omittere* (deixar de lado, omitir, deixar de ir) e o prefixo grego *pro* (antes). Prometer é tudo aquilo que existe antes de deixar de dizer, antes de deixar de sentir, antes de deixar de lado. Pura precariedade, penso.

É possível recuar um pouco mais, porque *omittere* é filha de *mittere*, que significava para os latinos antigos jogar, arremessar. Promete-se quando, por antecipação, se arremessa algo do passado (o antes) na direção do futuro. Como uma flecha que se cogita enviar para o depois, mas o arco está pousado ao nosso lado. Pode ser que a flecha vá; pode ser que não: o arco não está nas nossas mãos, talvez sequer o olhemos de fato. Uma ideia de mover-se que não pensa como sair do lugar.

Esse mover-se, instrui-me Zé do Coco, é feito de precariedade.

Precariedade nasceu da palavra precário. E precário é algo que, muito corretamente, nos faz duvidar. Coisas precárias inspiram insegurança. Não se sabe onde se pisa. Pede-se (reza-se, até) para que as precariedades se

consumem. Se estabeleçam. Se concretizem. Porque a palavra precário é filha legítima de *precari*, que nada mais é que pedir e rezar. Olhando para trás, nossos olhos caem na sua raiz *prex*: orar. Precariedades fazem-nos implorar, pedir, suplicar - é isso que*prex* sinaliza. Pede-se sentido, concretude, realização.

Promessas vivem fora do tempo. Lançam-se do passado ao futuro sem sequer encostar no presente. São precariedades, porque não se ancoram nem no estar que está nem no ser que é. A insegurança e a dúvida geram-se no ar imaterializado, na célula não nascida, na semente inanimada, como se esperássemos que o broto já fosse fruto sem nunca ter sido gérmen. Não é, e nem será. O que é, é o que chamamos de "momento presente", essa frase feita que tão facilmente escorrega das mãos e se torna nada. O passado é uma nuvem que já choveu e o futuro o céu que ainda não clareou. A noite impera, suave e silenciosa, escura e úmida de orvalho. É bom que assim seja, e que assim se perceba. Tudo o mais é precário. Especialmente as promessas.

(A raiz primeira da palavra veneração, para quem se perguntou, o é Vênus, a deusa romana do amor e da fecundidade.)



Conversa de baianos



Seu Zé do Coco e Seu Pedro Pescador encontraram-se num desses dias, a meio de seus caminhos. Olharam-se sem usar de pressa e trocaram algumas palavras. Entre aquelas que escutei, nessa voz baixa que usam quando falam, ficaram-me essas, sem saber bem ao certo quem fala e quem diz. Era assim, a prosa dos dois alegres senhores:

- Nestes tempos que correm, meu amigo, é preciso firmar ambos os pés no chão. Confiança, que tantos perseguem na vida, é fruto de pensamento; às vezes, boa; às vezes, perdem-se nela os caminhos. É preciso botar os pés pra andar, e saber que andamento eles terão. O resto, que é a confiança que hão de sair pra andar, é apenas abstração.

- E duas coisas são precisas pra colocar os pés no chão: uma, saber que são a base da sustentação. Engana-se quem procura a base fora da planta, ponto de apoio pros pés – vai ser sempre uma agonia, saber se está lá ou sumiu. Enquanto que a base dos pés... mesmo quando o barco balança a ponto de bambear, estão ali logo em seguida pra de novo equilibrar. A outra coisa precisa, nesse colocar os pés no chão, é saber que a dor do outro irmão não precisa ser conhecida das fibras de seu coração. Não é preciso que a vida lhe tenha marcado igual. O que é preciso é abrir o ouvido e pôr a escuta no coração. Deixar de fazer juízos do que deve ou devia fazer: ninguém sabe o peso tem o destino nas ondas de cada qual. É preciso habituar a pressa a respeitar os lutos do outro – variam, conforme o sentido; espicham, dependendo da dor; têm o tamanho que precisam e a duração do tanto que for.

- Tem ainda uma outra coisa, se me permite a interrupção. É que lembrei das feridas formadas na vida de cada irmão. É preciso saber que algumas pode ser que não cicatrizem mais. E aí o que é preciso é rodear esse irmão de afetos, de palavra e de mão, e que o que uma diga e a outra faça tenham sempre a mesma razão. Pra curar um desengano

é preciso uma mão, mas aberta pra não causar mais decepção num já maltratado coração.

- O amigo tem toda a razão, e nem sempre a direção do vento pode se sentir a favor. A sapiência está em aceitar, resolver e concordar. É melhor demorar pra voltar os olhos atrás, quando já se chegou na distância, no meio do alto mar. É a distância que precisa a importância do tropeço que o derrubou e da curva por onde passou. A paciência está em jogar o anzol na água e esperar o peixe se achegar, por sua vontade e ação. Só o pescador de ilusão lança seus anzóis certeiros, com destino e força na mão, porque não é para recolher que os usa, e sim pra nas águas da sereia as ilusões do mundo entregar. Isso é trabalho pra poucos, e quem quer peixe em seu anzol, ganhe paciência ao pescar: é o peixe que vem atraído, e por ele é preciso esperar. As penas, as dores e as coisas que o pescador de ilusão vai levar, é preciso aprender a soltar, e deixar as ondas navegar.

- Tem ainda duas palavras, que as suas me vieram inspirar. Uma delas é presença, a outra é companhia. Cuidam as pessoas que presença é o que é fundamental – porque é quente e porque nela se aquecem o coração e a mão. Mas esquecem-se, de vez em quando, de reparar na companhia, e esta não é o coração que aquece, mas é quem leva a alma ao lugar. É preciso, pra vida caminhar, que uma reconheça na outra e nela se ampare sem cessar, porque presença desaparece na estrada e companhia é eterna em seu lugar. A companhia vive dentro, a presença depende do andar. É preciso buscar as presenças, sabendo na companhia confiar.

- Como a nossa, não é mesmo?

- Como a nossa, assim é.

E ergueram-se os dois dos banquinhos, e dispuseram-se a caminhar. Um, deixou cheiro de mar. O outro, deixou cheiro de flor.



Sobre o autor



Books and Writers

"PALAVRAS DE VÓ CHICA"

Ana Vieira Pereira responde pelo conteúdo desta obra.

Nenhuma parte deste livro pode ser usado ou reproduzido de nehuma forma, salvo em caso de permissão por escrito ou citações em artigos criticos e ou revisões.Para permissões e demais informações:

agente.quintanilha@gmail.com

Kindle and Paperbook
International Cataloging in Publication Data
ISBN
Pereira – Vieira
1ªedition
All rights reserved